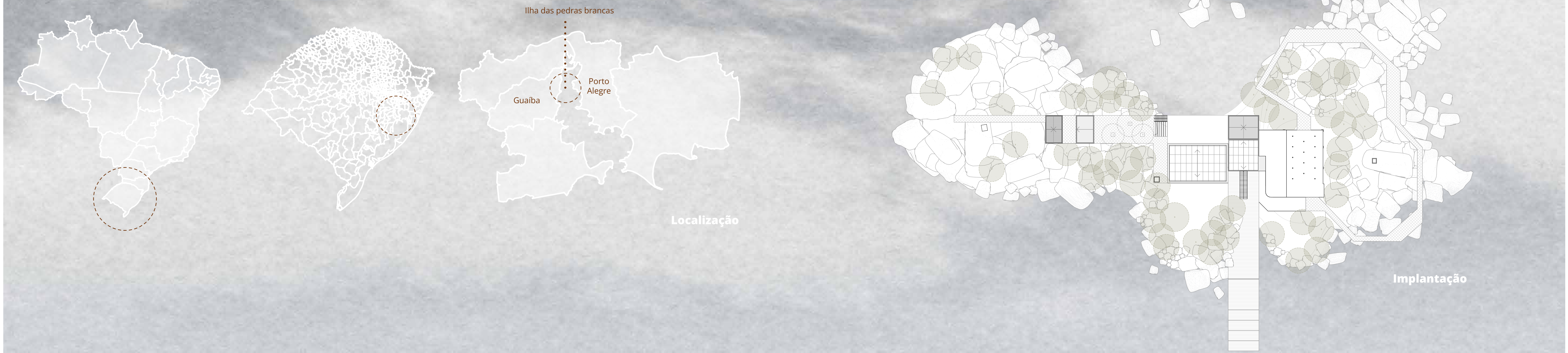


FENDAS DA MEMÓRIA

UM LUGAR DE RESISTÊNCIA NA ILHA DAS PEDRAS BRANCAS



Situada de forma estratégica entre as cidades de Porto Alegre e Guaíba, a Ilha das Pedras Brancas ocupa uma posição central e destacada no cenário do Lago Guaíba. Sua localização privilegiada faz dela um ponto de referência na região, sendo constantemente observada por aqueles que utilizam o catamarã que conecta as duas cidades.

A Ilha das Pedras Brancas é registrada como Sítio Arqueológico Histórico pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e também está inscrita no Livro Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado). Esses registros confirmam sua importância como um patrimônio

cultural de valor inestimável para a região. Além de sua relevância geológica e paisagística, a ilha está profundamente ligada à história do Brasil, especialmente ao período da ditadura militar. Durante esse regime, ela foi utilizada como local de detenção e tortura de presos políticos, tornando-se um símbolo da repressão e das violações de direitos humanos ocorridas naquela época sombria.

A paisagem da ilha, marcada por suas pedras brancas características e uma vegetação densa e selvagem, contrasta com as estruturas austeras e degradadas que restam do período em que serviu como presídio. Esse contraste reforça a dualidade entre sua beleza natural exuberante e o peso histórico de sofrimento e resistência

que ela carrega. Reconhecida como um local de memória, a Ilha das Pedras Brancas é um testemunho vivo da repressão política e da luta por justiça. A ilha tem sofrido com o abandono desde o fim da ditadura.

O projeto do museu proposto busca resgatar as memórias e revitalizar a ilha para torná-la um destino relevante tanto para moradores quanto para turistas. Além de promover seu valor turístico, o projeto visa garantir que as histórias de repressão e resistência ali vividas não sejam esquecidas, unindo a beleza natural do local à sua importância histórica, e criando um espaço de reflexão e conscientização sobre o passado.

"Não há janelas. O ar circula precariamente através de pequenos orifícios no alto da parede, cujo pé-direito tem cinco metros. Os orifícios destinavam-se à ventilação da munição estocada e pelos quais também entrava uma rêsia de sol. Toda a cadeia está permanentemente envolta numa penumbra, sendo as pessoas e as coisas vistas de forma difusa."

VARGAS, Índio. A Guerrilheira. Porto Alegre: AGE, 2005. p. 20 e 21.